

Giuseppe Alberigo (org.)

HISTÓRIA DOS CONCÍLIOS
ECUMÊNICOS, Paulus, São Paulo
1995, 470 p.

Agradecemos a Editora Paulus e recomendamos aos nossos leitores, aos estudantes de teologia e pesquisadores, o bem elaborado livro sobre os Concílios Ecumênicos na História. Com a colaboração de Lorenzo Perrone, Panayotis A. Yannopoulos, Alberto Melloni, Joseph Wohlmuth, Umberto Proch, Marc Venard, Giuseppe Alberigo, a obra cobre o período compreendido do Concílio de Nicéia ao Concílio Ecumênico Vaticano II.

BLOCO II

TEOLOGIA EM GERAL

OS SACRAMENTOS DO BATISMO E DA CONFIRMAÇÃO: DE PUEBLA A SANTO DOMINGO

Côn. Dr. José Adriano

Iniciamos esta reflexão analisando brevemente o documento de Puebla nos números em que trata dos sacramentos do Batismo e da Confirmação. Em seguida analisaremos o Diretório dos Sacramentos da Arquidiocese de São Paulo e o Documento de Santo Domingo.

1. Puebla:

O documento de Puebla, como sabemos, tem como pano de fundo o tema da *Comunhão e da Participação*. Não foi elaborado para tratar especificamente dos sacramentos mas sim da missão da Igreja no contexto histórico concreto latino-americano. O povo Latino-Americano é Povo de Deus que sofre e precisa ser santificado e libertado. Os sacramentos aí devem ser instrumentos de comunhão e participação. Comunhão dos

homens entre si e com Deus na construção do Reino de justiça, e participação na transformação da sociedade e construção da história.

O primeiro item a falar do Batismo é o nº 250. A finalidade primeira do Batismo é a Constituição de um Povo Santo. O Espírito recebido no Batismo habita no povo, o santifica e o faz participante da Vida Divina. Não somente cada homem, mas todo o povo - aqui identificado com a comunhão dos batizados, portanto com a Igreja - é Templo vivo e morada de Deus entre os homens. A Dimensão pessoal, porém, não foi esquecida ao afirmar que "os cristãos são pedras vivas"¹. Esse Povo, engendrado pelo Batismo, não possui uma vida apenas humana, terrena e finita. Ele participa da Vida Divina já que é o *corpo de Cristo, sua cabeça e princípio*. Por

1 Cf. 1Pdr 2,5

causa dessa participação o Espírito o ungiu como *Povo messiânico*, revestiu-o de *santidade* e o fez promotor de comunhão no testemunho autêntico e concreto.

O Batismo faz o Povo nascer de Deus e, ao mesmo tempo, orienta esse Povo sempre para Deus louvando-o com a vida. Assim cada membro desse Povo possui dupla cidadania: é membro de um povo que luta, sofre e se liberta e é também cidadão do céu (251). Cada Batizado, portanto, tem o coração em Deus e os pés no chão da terra dos homens.

A santidade adquirida pelo Batismo, da qual fala Puebla, não é desencarnada, mas exige testemunho² em forma de um compromisso moral e social. A base ética desse compromisso é a dignidade da pessoa humana, inviolável e Templo de Deus³. O que atenta contra essa dignidade (violência, tortura, perseguição, exploração, miséria e todas as formas de morte) é profanação e sacrilégio contra Deus e contra o homem. O Batismo, bem como os outros sacramentos, deve integrar a pessoa humana ao povo e restabelecer sua dignidade e verdade. Um Povo Santo, pois, deve ser capaz de santificar a sociedade latino americana-

na e o mundo todo. Ele, o povo, possui uma condição histórica precisa na AL: de injustiça institucionalizada. Essa situação exige da Igreja "visibilidade em nível de estrutura social"⁴, isto é, exige um testemunho eloqüente dos batizados no preciso contexto Latino-Americano (255). Muitos são exemplares no testemunho: "morreram defendendo a integridade da fé e a Libertação da Igreja, servindo aos pobres, índios e escravos" (265). Esses mártires representam o mais autêntico testemunho da Igreja em contraposição a outros batizados que torturam, perseguem e matam seus irmãos. Os violentos se excluem do Povo Santo, da Igreja e do Reino de Deus. Os violentados e massacrados, porém, são o que há de mais autêntico e verdadeiro nesse povo.

O Batismo, conforme Puebla é também um envio. O nº 267 expressa o sentido comunitário e universal do povo enviado em missão. Não são apenas alguns elementos do povo, mas é todo o povo que possui uma *consagração messiânica*, por isso mesmo enviado a servir o crescimento do Reino nos outros povos. Servir aos povos pobres, portanto, é missão outorgada pelo Batismo. Os po-

vos cristãos do primeiro mundo abastado têm, por isso mesmo, uma *hipoteca social* para com o terceiro mundo, como afirmou o Papa Paulo VI. Essa missão é essencialmente profética e, ser profeta segundo Puebla (268), é anunciar o Evangelho, ouvir as vozes de Deus no coração da História (dar testemunho no coração dos conflitos sociais) e interpretar a passagem do Senhor pela AL. Essa missão é ainda sacerdotal. O sacerdócio do povo é o serviço que ele presta ao realizar a comunhão dos homens com Deus e entre si⁵. Puebla afirma (270) que a missão de evangelizar, profetizar e servir só a Igreja pode realizar. Muitos não batizados podem estar dando a vida pela justiça na América Latina e nisso se identificam com o Reino e com a missão da Igreja. Os Batizados, porém, têm a obrigação, diante de Deus e dos homens de dar esse testemunho. A Igreja, por sua natureza, possui uma condição de sacramento (272) por isso ela tem de ser um sinal transparente e modelo vivo de comunhão em Cristo, fazendo com que a história dos homens seja também a história do Reino, porque os batizados "são forjadores da história" (274).

O Sacramento do Batismo ao engendrar o Povo Santo, faz desse povo uma família. Maria, mãe de Jesus e mãe da Igreja, desperta em cada homem a verdade de que é filho de Deus (295). A mãe de Jesus se torna assim o "sacramento da família de Deus". Imagem da Igreja, ela gera os filhos e lhes dá a consciência de irmãos. Puebla foi muito feliz em colocar a Virgem Maria como modelo de serviço eclesial na América Latina (300). Sem fraternidade e solidariedade o Reino se distancia dos homens. Cumpre aos Batizados (enquanto filhos e irmãos) deste Continente fazer o Reino acontecer para todos.

Dizíamos que o fundamento ético do testemunho é a dignidade humana, já que toda violação dessa dignidade é injúria ao próprio Deus (306). Jesus restaurou a dignidade que os homens tinham recebido ao serem criados à imagem e semelhança (331). Em Cristo, na verdade, cada homem pode descobrir a *imagem do homem novo*⁶ à qual foi configurado pelo Batismo e ungiu pela Confirmação (333). Pela primeira vez, Puebla fala da Confirmação em estreita ligação com o Batismo. O mais importante, porém, é que coloca essa realidade sacramental no contexto pascal. A imagem do homem novo, o ho-

2 Cf. Mt 5,48

3 Cf. Ef 4,30

4 Cf. LG 8b

5 Cf. LG 1

6 Cf. CI 3,10

mem pascal renovado e ressuscitado com Cristo, é fundamento último da dignidade humana. Descubrimos então que o fundamento ético é também, profundamente teológico.

A Confirmação é tratada com mais vigor por Puebla no item 3 que se refere aos leigos. Nascidos para a Igreja no Batismo, tomam plena consciência da pertença a essa mesma Igreja no sacramento da Confirmação, (783) assumindo a responsabilidade de promover a comunhão e a participação.

A LG no capítulo IV afirmou que tanto o Batismo como a Confirmação incorporam a Cristo e tornam membro da Igreja. Por isso, cada leigo participa da função sacerdotal, profética e real de Cristo, adquirindo a identidade de "homem de Igreja no coração do mundo e de homem do mundo no coração da Igreja" (786). É o testemunho da própria vida que o identifica como Batizado e Confirmado (789). Esse testemunho não é algo individual e isolado mas é o testemunho do Reino e da Igreja (789), especialmente quando deno-

ta um "sério compromisso com a promoção da justiça e do bem comum"⁷. O Papa João Paulo II pedia aos operários em Guadalajara, México, que cada cristão fosse "verdadeiramente testemunha e agente da justiça"⁸. Da mesma forma, falando aos leigos, manda que sejam "perseverantes no testemunho e na ação evangélica, coerentes e denodados em seus compromissos temporais, constantes promotores da paz e da justiça contra toda violência ou opressão, penetrantes no discernimento crítico das situações e ideologias, à luz dos ensinamentos sociais da Igreja, confiados na esperança no Senhor"⁹. Esse parece ser o principal compromisso do Batizado e do Confirmado pelo Espírito na América Latina.

O nº 852 relembra que cada homem e todos os homens são vocacionados à fé e, pela fé, a incorporar-se no Povo de Deus mediante o Batismo que, junto com a Confirmação e a Eucaristia, promovem a comunhão e a participação¹⁰. Aqueles que pelo Batismo, Confirmação e Eucaristia estão

realizando plenamente sua vocação cristã, devem ajudar a maioria empobrecida da AL a realizar sua plena vocação humana (854). Uma não é completa sem a outra. A Confirmação, inclusive, exige um tirocínio e um tempo forte de amadurecimento na fé, por tratar-se de um "compromisso apostólico" (1202). Se, pelo Batismo, o homem se torna discípulo de Cristo e de Ele deve aprender as verdades do Reino, pela Confirmação se torna apóstolo, responsável portanto de pregar o Senhor, evangelizando, profetizando e exercendo um serviço sacerdotal junto aos irmãos. Assim, a maturidade humana e o discernimento cristão são igualmente exigidos (1203).

Como vimos até aqui, Puebla acentua a Universalidade do Reino, fortalece o sentido comunitário e de família próprios da essência da Igreja, valoriza o testemunho e coloca os sacramentos a serviço da comunhão e participação. Não podemos ver, porém, nas afirmações de Puebla qualquer negação do sentido de santificação individual e de salvação pessoal. O Batismo, santifica o homem, doa a graça do Pai pelos merecimentos de Jesus, configura à morte e à ressurreição de Cristo, realiza a páscoa e reveste do homem novo, torna membro da Igreja, faz dis-

cípulo, herdeiro das promessas do Reino Novo, concede o Espírito e gera a vida. A Confirmação fortalece na fé, concede os dons do Espírito e faz do homem um apóstolo do Evangelho. O que Puebla coloca em discussão é a missão própria do povo de batizados e confirmados na concretude histórica Latino-Americana.

2. *Diretório dos Sacramentos:*

Após a Conferência de Puebla, a Arquidiocese de São Paulo publicou o Diretório dos sacramentos para uso das comunidades. Ali o Batismo foi apresentado como "o sacramento pelo qual o cristão ingressa na comunidade da Igreja e assume a missão evangelizadora". Há, portanto, uma finalidade clara que é entrar e começar a tomar parte de uma comunidade específica, assumindo tudo o que ela significa e, especialmente, a missão de evangelizar dentro e fora dessa comunidade. A teologia sacramentária subjacente está calcada na teologia da missão. O Diretório assume o ensinamento do Concílio¹¹ onde diz que "os batizados são incorporados à Igreja, delegados ao culto e regenerados para serem filhos de Deus". Quem entra nessa comunidade está "obrigado a professar, diante dos ho-

7 Cf. AA, 14

8 AAS 71, 223

9 Idem, 216

10 Medellín já havia afirmado (Liturgia 9) que nenhuma comunidade cristã se edifica se não tem sua raiz na celebração da Eucaristia. Ela permite uma verdadeira educação no espírito de comunidade, conduz às obras de caridade, ação missionária e às várias formas de testemunho cristão.

11 LG 11

mens, a fé que recebeu de Deus pela Igreja”, isto é, está obrigado ao testemunho da nova vida que assumiu. O Diretório trata o Batismo inicialmente como um *rito de ingresso*.

É também um sacramento que produz a unidade da Igreja porque congrega as pessoas em comunidade, onde, instruídas pela Palavra¹², alimentadas pela Eucaristia e ajudadas pelos irmãos se tornam participantes conscientes. Participar conscientemente significa, segundo o Diretório, “assumir a missão histórica de Cristo”. Unidos pelo Batismo, os cristãos formam o *Corpo de Cristo*¹³.

É ainda um sacramento que perdoa os pecados¹⁴. A água que lava os pecados dá ao mesmo tempo a Vida Divina pelos méritos de Cristo morto e ressuscitado. Está também subjacente à teologia sacramentária do Diretório a dimensão pascal, onde o Batismo aparece como um rito de passagem: da morte para a vida, através da água. A comunidade que acolhe aquele que renasceu para essa vida nova é, ao mesmo tempo, mediadora da salvação¹⁵.

Tanto o Batismo quanto a Confirmação são responsáveis pelo *caráter* que o Espírito Santo impri-

me. O caráter é essa marca indelével de compromisso e testemunho. Uma aliança com Deus para servir evangelicamente os homens. O Diretório nega essa marca do Espírito àqueles que, embora batizados e crismados, não colaboram e até impedem a construção de um mundo mais justo e mais fraterno.

Batismo e Confirmação são *sacramentos da fé*. O primeiro inicia na fé, o segundo fortalece a fé e inicia na vida apostólica. Nesse ponto o Diretório esboça uma teologia do Batismo a partir da fé, citando Mc 16,16 onde a fé, coroada pelo Batismo, produz a salvação pessoal. Este é um ponto a ser melhor desenvolvido. Por exemplo: a necessidade da fé para ingressar na comunidade da Igreja ou a exigência da fé no Ressuscitado, testemunhada por palavras e obras, para que exista verdadeira comunidade pascal.

Ressalta também o mesmo Diretório a Dimensão vocacional dos sacramentos. Deus tem uma *proposta* que o homem aceita ao aderir a Ele pelos sacramentos. Os sacramentos são *respostas* que o homem vai dando a Deus nas diversas situações da vida.

Puebla ressaltava a Dimensão moral e social dos sacramentos aqui tratados. O Diretório fundamenta o compromisso social no Batismo de Jesus que “assumiu publicamente a missão de servidor de Iahweh e de cordeiro que tira o pecado do mundo”¹⁶. O Batismo de Jesus comporta solidariedade com o povo que também foi Batizado por João Batista¹⁷. O Diretório não diz, mas na verdade o Batismo de Jesus revestiu-se todo ele de um caráter messiânico sem precedente. O Messias finalmente junto dos homens! A Vida Divina recebida no Batismo e fortalecida na Confirmação se realiza e se desenvolve historicamente. O acento de compromisso social tem, dessa forma, um fundamento teológico. O cristão assume a missão de Cristo e a realiza junto com os outros cristãos para os homens todos. Essa missão é, na verdade, uma ordem de Cristo a cada Batizado e à comunidade dos batizados que é a Igreja: “ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo o quanto vos ordenei”¹⁸. Finalmente, o Diretório relembra que essa mis-

são possui um triplice múnus: sacerdotal que é um serviço de santificação; profético que se traduz pelo testemunho na prática da justiça; e real que é um ministério para o bem da Igreja.

Quanto ao sacramento da Confirmação o Diretório prefere partir da fundamentação etimológica e histórica: *Confirmare* tem o sentido de concluir, completar. No século V, na Gália, indicava a ação de concluir a iniciação cristã. Depois significou também “reforçar, fortalecer para a luta, pelo dom do Espírito Santo”. Hoje, o sacramento tem o sentido de fortalecimento, tornar forte na fé, adquirir maturidade, assumir a missão apostólica. A matéria desse sacramento é o *Chrisma*, óleo da unção que prepara para a missão.

Se no Batismo o Espírito é recebido como *vida*, na Confirmação Ele o é como *força*. De discípulos pelo Batismo se tornam apóstolos para a ação evangelizadora. Assim o cristão não possui qualquer vida, mas uma vida forte, ou uma vida fortalecida pelo Espírito¹⁹. De fato, “pelo sacramento da Confirmação os fiéis são enriquecidos de especial força do Espírito Santo”²⁰.

16 Cf. Jo 1,29-34

17 Vide Lc 3,21

18 Mt 28,18-20

19 Cf. At 1,8

20 LG 11

12 Cf. At 2,41

13 Cf. 1Cor 12,13

14 Cf. At 2,37-38

15 Cf. LG 16; GS 22

A finalidade, portanto, desse sacramento é fortalecer para o testemunho. Assim como o Espírito foi dado aos Apóstolos para que dessem testemunho do Evangelho com a própria vida²¹, da mesma forma o “que foi inserido no Corpo místico de Cristo pelo batismo e pela Confirmação robustecido na força do Espírito recebe do Senhor a delegação para o apostolado”²². Quem foi crismado é, dessa forma, assistido pelo Espírito no testemunho que deve dar diante dos homens da fé que professa. O Diretório, citando Lc 12,12, lembra que esse testemunho é dado especialmente em tempos difíceis de perseguição à Igreja. Como afirmou Puebla: ser homem de Deus no coração do mundo! (786)

A Confirmação não é só o sacramento da maturidade cristã mas é também, e de modo muito especial, o sacramento do Espírito Santo²³. Poderia ainda ser denominado o sacramento do testemunho. O Papa Paulo VI assim se expressava: “pelo sacramento da Confirmação, aqueles que renasceram do Batismo recebem o dom sublime,

o próprio Espírito Santo. São enriquecidos por Ele com uma força especial e, marcados pelo caráter deste sacramento, ficam mais perfeitamente unidos à Igreja e mais estreitamente obrigados a difundir e a defender a fé por palavras e atos, como verdadeiras testemunhas de Cristo”²⁴. O Diretório é humilde em propor o testemunho cristão nos ambientes de trabalho, bairro, família e lazer. Em todo lugar o testemunho é sumamente necessário. Deveríamos, porém, acrescentar a obrigatoriedade de realizar esse testemunho no mundo da ciência, da técnica, da política, da economia, das relações internacionais. A Igreja, comunidade ou povo de batizados, ungida e confirmada pelo Espírito, dá o testemunho na concretude da história dos homens, como afirmou Puebla e o próprio Concílio²⁵.

Para finalizar, o Diretório destaca a íntima relação entre Batismo e Confirmação quando no rito a renovação das promessas batismais precede a Confirmação. No passado esses dois sacramentos pertenciam a um mesmo rito de iniciação. Hoje são recebidos um no início da vida cristã, outro no

momento de assumir compromissos na comunidade da Igreja e o apostolado no meio do mundo. É a mesma vida nascida no Batismo e, conseqüentemente, fortalecida no Crisma. Ambos os sacramentos remetem intimamente para a Eucaristia: “os fiéis, já marcados com o sinal do Batismo e da Confirmação, são inseridos plenamente no Corpo de Cristo pela participação na Eucaristia”²⁶.

3. Santo Domingo

A Conferência de Santo Domingo reafirmou a doutrina sobre os sacramentos explicitando-os em vista da realidade da Igreja na América Latina.

Para a Conferência, é o Batismo que sela a fé na Palavra de Deus. É a Palavra que, anunciada e testemunhada, constrói o Reino. A fé é confirmada no testemunho pelo sacramento do apostolado: o Crisma.

O Reino de Deus é, em primeiro lugar o Reino de todos os batizados. Membros vivos da Igreja, eles são, por sua vez, os sinais sacramentais diante do mundo, por isso participam das “riquezas da graça que o ressuscitado nos doa” (65).

O Batismo na Nova Evangelização, como originante do Reino, deve ser também uma novidade para o homem²⁷. Junto com o anúncio cristão ele deve “constituir uma comunidade fraterna” capaz de renovar a humanidade em sua dignidade humana” (13).

É o sacramento da fé que, “plenamente anunciada, pensada e vivida, se torna cultura” (229). Configurados a Cristo no Batismo, numa opção radical pelo Evangelho, cada batizado se torna, por sua vez, testemunha da vida nova.

O Batismo é, portanto, o sacramento do testemunho. A vivência testemunhal do tríplice ofício sacerdotal, profético e régio é conseqüência natural do Batismo (94). Esse testemunho não é sinônimo de superativismo, mas exige que “todos os membros do povo de Deus assumam a dimensão contemplativa de sua consagração batismal e aprendam a orar, imitando o exemplo de Jesus Cristo” (47). O testemunho da ação concreta da Igreja na Nova Evangelização é, ao mesmo tempo, testemunho do seguimento, da partilha da vida, morte e ressurreição do Senhor (5).

O Batismo não é, para Santo Domingo, somente o coroamento da evangelização, mas ele, como

21. Cf. At 1,8; Mt 10,17-20; Lc 12,12

22 AA, 3

23 Cf. Lc 4,17-21; 12,12; 24,49; Jo 14,16; 15,26; At 1,3

24 DCN 9

25 LG 31,33

26 DCN 9

27 Cf. EN 18

28 Cf. Lc 11,1

também os outros sacramentos, tem um valor pedagógico. Os símbolos inerentes às culturas e a partir dos quais as culturas manifestam o seu éthos e seu valor, são a linguagem mais eficiente dessa pedagogia. Assim, a liturgia, os ritos e as manifestações litúrgicas dos sacramentos ensinam a fé, a mantêm e a fortalecem (35-43).

Deve-se celebrar na Igreja, na liturgia e em cada sacramento, aquilo que se realiza fora do edifício da igreja, na história humana. O testemunho dessa vida de fé, portanto, é o que podemos chamar de santidade recebida no Batismo (37).

É um sacramento que dá eficácia à ação da Igreja, memento dos fiéis leigos, cuja missão é realizada em meio ao mundo. Ele acentua a primazia da graça de Deus em Cristo e requer de cada membro da Igreja a vivência da caridade (45).

É também um sacramento que exige conversão. Essa conversão vem da experiência profunda da graça do Espírito recebida no Batismo e confirmada no Crisma (46).

A Conferência de Santo Domingo faz uma constatação e um lamento: grande parte dos cristãos batizados não possuem consciência de sua responsabilidade. Homens e mulheres batizados deste conti-

nente “vivem sem energia o cristianismo”²⁹. Distanciados de Cristo e do Evangelho, não se sentem membros da Igreja (26).

Há grande falta de consciência do valor, da importância e das responsabilidades do Batismo. Lamenta a IV Conferência que “poucos assumem os valores cristãos como elemento de sua identidade cultural, não sentindo a necessidade de um compromisso eclesial e evangelizador. Como consequência, o mundo do trabalho, da política, da economia, da ciência, da arte, da literatura e dos meios de comunicação social não são guiados por critérios evangélicos. Assim se explica a incoerência entre a fé que dizem professar e o compromisso real na vida”³⁰. (96). “Nem sempre a vida é orientada segundo o Evangelho” (130).

Os mais distantes da Igreja são, por isso mesmo, os primeiros e principais destinatários da Nova Evangelização. Agora, trata-se de batizados evangelizarem batizados num ministério profético e numa proclamação vigorosa do mistério de Jesus (33).

Os batizados conscientes e engajados são os protagonistas da Nova Evangelização, isto é, eles devem ser os evangelizadores de seus irmãos (97) já que “o ministé-

rio dos leigos tem seu fundamento sacramental no Batismo e na Confirmação”³¹ (101). Os irmãos afastados têm o direito de serem evangelizados *com novo ardor* pois “esperam o chamado do Senhor”³² através dos cristãos que, assumindo missionariamente seu Batismo e Confirmação, vão ao encontro daqueles que se afastaram da Casa do Pai” (101).

O Batismo é também determinante quanto à moralidade da vida cristã: nascidos para uma vida nova, tendo Cristo como modelo, poderemos dar frutos de caridade para a vida do mundo³³ (231). Por isso o Batismo nos obriga à formação da consciência crítica porque é “desta formação, tanto individual quanto coletiva, da maturidade de mentalidade, do seu sentido de responsabilidade e da pureza dos costumes que dependem o desenvolvimento e a riqueza dos povos. A Moral cristã só se entende dentro da Igreja e se plenifica na Eucaristia. Tudo o que nela podemos oferecer é vida; o que não se pode oferecer é pecado” (231). Desse modo, cada cristão batizado tem um *compromisso*

ético com a causa do homem que é também a causa de Deus. A fé do batizado se expressa nos gestos concretos em favor do outro, injustiçado, pobre, dominado, excluído. O culto espiritual se realiza ao mesmo tempo que o compromisso ético.

Santo Domingo apresenta de modo muito próprio o caráter universal e comunitário do Batismo. Como filhos de Deus, os povos da América Latina são irmãos entre si (101). Coloca, desse modo, as bases para uma *oikomene* latino-americana. É como povo e como Igreja que os povos sofridos do continente vencerão os conflitos e a opressão. A vitalidade dos sacramentos está na *koinonia*: união dos fiéis com Cristo³⁴, com o Pai³⁵, com o Espírito³⁶ por meio da Eucaristia. Essa verdade é confirmada pelo nº 123 que afirma: “Jesus Cristo nos convocou em sua Igreja, que é sacramento de comunhão evangelizadora. Nela devemos viver a unidade de nossas Igrejas na caridade, comunicando e anunciando essa comunhão a todo o mundo com a Palavra, com a Eucaristia e com os demais sacramentos”.

29 RMI 33

30 Cf. Puebla, 783

31 CnL 21,23

32 Cf. Ap 3,20

33 Cf. Jo 15; OT 16

34 1Cor 10,16

35 1Jo 1,16

36 2Cor 13,13; Fil 2,1

Finalmente, Jesus instituiu, além dos outros sacramentos, a Eucaristia como "sacramento do seu amor e memorial do seu sacrifício"³⁷. Assim, o Batismo remete para a Eucaristia que é o centro da vida da Igreja. É a presença real do Cristo que, com seu corpo e sangue, alimenta o povo dos batizados no seu empenho em construir o Reino (6,11).

Conclusão

De Puebla a Sto. Domingo não há uma evolução no conceito dos sacramentos. Há, na verdade, um esforço em historicizar os sacramentos, tornando-os relevantes

para a vida eclesial LA. Podemos entendê-los não mais destacados da realidade, mas como verdadeiros dons da força de Deus que, na Igreja, se tornam sinais salvíficos de Cristo para o mundo; graças aos sacramentos, a vida do povo cristão pode se tornar testemunhal para o continente LA., ou como sugere Santo Domingo: os sacramentos devem se tornar cultura.

Côn. Dr. José Adriano é Dr. em Teologia Moral e Diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção
End.: Av. Nazaré, 993
04263-100 São Paulo - SP

CRUZANDO O LIMIAR DA ESPERANÇA

Pe. Dr. Beni dos Santos

O livro de João Paulo II - *Cruzando o Limiar da Esperança* - contém as respostas redigidas de próprio punho às questões colocadas pelo jornalista Vittorio Messori. Ele pode ser analisado a partir de diversas perspectivas. Nele se encontram elementos para uma autobiografia do atual Papa. Podem ainda ser detectadas as raízes históricas de sua vida de fé, de sua vocação e, até mesmo, de algumas de suas idéias. É possível também, a partir do livro, traçar o perfil humanista de João Paulo II. Outros encontrarão, em suas páginas, elementos para um balanço do seu pontificado, incluindo uma análise profunda da presença da Igreja no mundo moderno e de diversos problemas que a desafiam. Creio que o livro, considerado globalmente, constitui também um fato eclesiológico significativo. É justamente este ponto que procuro analisar neste artigo. Tendo, como pano de fundo, alguns elementos do contexto biográfico, sublinho as *características do pontificado de João Paulo II e a imagem da Igreja* retratada no seu livro.

Cruzando o Limiar da Esperança despertou, logo de início, grande interesse. A partir da publicação italiana, foi traduzido nas prin-

cipais línguas do mundo. Saiu simultaneamente em vinte traduções. Embora analisando as perguntas como filósofo, teólogo e pastor da Igreja universal, o Papa conseguiu exprimir o seu pensamento numa linguagem simples, concisa e direta, própria do estilo jornalístico. Mesmo falando na qualidade de sucessor de Pedro, a forma de ensinar é diferente. Mais do que expor autoritativamente a doutrina, ele propõe, esclarece, apela para a própria experiência pessoal e o testemunho de vida. Sobretudo apresenta as razões da própria fé. Não só responde, mas também procura entender e analisar as razões da pergunta e descobrir qual o interlocutor que está representado pela voz do jornalista. Procura descobrir as motivações de fé e a inquietude que envolvem as perguntas; os condicionamentos da mentalidade moderna nelas subjacentes.

O pensamento de João Paulo II está profundamente enraizado em um contexto histórico, filosófico, eclesial e biográfico. É a partir daí que podemos compreender as idéias e práticas contidas no livro. Vejamos alguns exemplos:

Vittorio Messori se refere ao Papa como *místico*. Quando a vida espiritual atinge esse nível, a fé

37 Cf. Mc 14,22